



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NILVA THEREZINHA DUTRA PINTO (2)

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS**FICHA TÉCNICA**

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E190

Entrevistada: NILVA THEREZINHA DUTRA PINTO

Nascimento: 29/08/1934

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Porto Alegre - RS.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 26/10/2010

Transcrição: Christiane Garcia Macedo

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 1 hora 14 minutos e 15 segundos

Páginas Digitadas: 20

Observações: Após leitura, a entrevistada alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

PINTO, Nilva Terezinha Dutra. *Nilva Pinto 2 (depoimento, 2010)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE –
ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Lutas e conquistas; importância do CFI “Os Gaúchos”; Fundação do Grupo pela Folclorista Marina Cortinas; Vida Cultura de Porto Alegre na década de 1950; primeiras apresentações; primeiros dançarinos; organização de montagens e ensaios; coreografias; pesquisas para montagem das danças; adaptações folclóricas.

Porto Alegre, 26 de outubro de 2010. Entrevista com Nilva Therezinha Dutra Pinto, a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professora antes de entrar nas perguntas mais específicas, eu gostaria que você falasse das suas lutas, das suas conquistas, desafios, o que elas significaram pra você, e o que você acha fundamental contar sobre a sua vida.

N.P. – Quando terminei a faculdade, como todos os que concluem os estudos, fica-se muito entusiasmado com o que se aprendeu, e que pode ser aplicado nos colégios onde se trabalha. Fiz tudo que podia e o que não podia, desde costurar até as coreografias para que os alunos pudessem se apresentar. Eu adorava e adoro até hoje o trabalho que faço, claro que atualmente já não tenho tanta energia, mas enquanto Deus me der saúde eu continuo. O que mais eu adorava no tempo em que comecei, era proporcionar aos alunos lugares onde pudessem se apresentar, chás, teatros, excursões, televisões, Secretarias de Cultura, Turismo ou Educação, Jogos Estudantis Brasileiros etc. Tinha um programa de televisão que era apresentado todos os domingos, e eu levava as alunas dos Colégio Estadual Cândido José de Godoi. Quando comecei no Anchieta¹ que já fazem 42² anos que estou lá, também levávamos os alunos do “Show Musical” aos mais variados lugares. Sou aposentada claro, e com as minhas colegas daquela época, nos encontramos até hoje e uma vez por ano, no dia dos professores almoçamos juntas. Sempre se fala no clube de dança do Colégio Estadual Cândido José de Godoi. No Anchieta eu continuo até hoje. No Anchieta são 63 crianças, na faixa etária de 8 a 16 anos. Estivemos no nordeste, e isso foi um feito muito grande. Quem organizou e quem patrocinou foi o Ministério da Cultura, coisa rara, mas tivemos este privilegio, foi muito bom. Estamos com o convite para Roma em Julho do ano que vem, 2011. Estamos preparando as crianças, História da Itália, suas antiguidades, o Vaticano, a beleza de suas ruínas... Tudo eles tem que aprender, não é só dançar, levantar as pernas [risos]. Tudo é muito importante, mostrar às crianças também outro tipo de arte, não só a deles. O Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”, foi fundado por uma professora uruguaia e que atualmente completa 50 anos. Nosso show do fim do ano não poderá ser como imaginamos, pois os valores estão muito altos nos teatros,

¹ Colégio Anchieta, instituição de ensino básico regular, fundado em 1890, localizado na Av. Nilo Peçanha, 1521, Porto Alegre – RS.

² Em 2010, a professora completou 42 anos atuando no Colégio Anchieta, estando lá desde 1968.

inclusive na UFRGS. Estivemos na EXPOCHANGAI, este ano a convite da Prefeitura de Porto Alegre. Participamos de muitos eventos inesquecíveis, Caravana Nacional da Cultura, Festivais de Folclore Internacional, na Argentina, no Rio de Janeiro, São Paulo, Projeto Mamembão, inauguração do Memorial do América Latina, Europa, Portugal, Espanha, França e Itália.

C.M. – E, mais alguma realização que a senhora queira registrar?

N.P. – Os Festivais de Florianópolis são lindos, o rapaz que organizava ficou descontente, tendo em vista que o governo não ajudou mais e se tornou difícil a realização. Estamos tentando ir ao Chile. O grupo Chileno, que encontramos na EXPOCHANGAI nos deu os contatos. Talvez em 2011 possamos ir até lá. Estamos com um convite para as Ilha das Canárias, onde mora uma ex-componente do grupo lá.

C.M. – Na sua visão, o que você acha que deixou de importante para a sociedade com seus trabalhos e com suas conquistas?

N.P. – Eu acredito, que tenha contribuído para a formação de muitos alunos e professoras que hoje encontro em diversos colégios ensinando para seus alunos, coreografias que aprenderam comigo em cursos que dei. Ronete tem um grupo de danças circulares. Maria Lúcia Brunelli, é professora na ULBRA, todas foram minhas alunas. Rejane que morra em Florianópolis, tem muitas ex-alunas. Colaboração muito grande dei e continuo dando, toda hora que precisem, eu estou a disposição. Tenho muito material, se quiserem, podem buscar não tem problema nenhum, me sinto realizada e feliz.

C.M. – Que bom, fale agora especificamente sobre o grupo os Gaúchos.

N.P. – Sim.

C.M. – Qual a importância que você vê no grupo? Da formação dele, dele ter se mantido durante 50 anos.

N.P. – Com muitas dificuldades nos mantemos até hoje. Que trouxe o bombo para o Rio Grande do Sul foi o Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”. Hoje os grupos folclóricos usam o bombo para acompanhar suas apresentações. Não precisamos mais ir a Argentina ou Uruguai, para adquirir um bombo. São construídos aqui em Porto Alegre ou interior do estado. No livro do nosso ex-componente, já falecido, Ery Assenato, está escrito que trouxemos este instrumento para o Rio Grande do Sul. O Dr. Antônio Augusto Fagundes que todo mundo sabe que é folclorista e historiador, advogado, divulga sempre o nosso trabalho. Nico, como é chamado, nos acompanhou desde o momento em que D. Marina Cortinas fundou o grupo. Tivemos oportunidades de levar ao Rio Grande e fora

dele nosso folclore, não só gaúcho, não só do Rio do Prata, mas internacional pois não tinha grupo que fizesse este tipo de folclore. D. Marina fundou o conjunto e guardamos no nosso coração a lembrança de que fomos os primeiros a trazer toda esta bagagem artística. Poucos CTGs³ haviam na época, o 35 – CTG, Pagos da Saudade da Varig, e outro CTG que não me lembro o nome do qual fazia parte Carlinhos Castillos. Começaram os CTGs a abrir os olhos, podemos fazer mais isso, mais aquilo. Agora, boleadeiras não fomos nós que introduzimos. Não faz parte do folclore gaúcho, boleadeira, é para laçar as patas dos bois. Colocaram as boleadeiras dentro do folclore mais não é. Muitas vezes fui a televisão, a rádios, etc, defender este erro. O Sr. Paixão, não conseguiu acabar com esta idéia. Nossa colaboração foi fundamental. Hoje tu vês nas escolas “N” grupos que fazem folclore internacional, e do Rio Grande do Sul também. O Chaleira Preta, por exemplo, de Cruz Alta é um excelente grupo já viajou para o exterior e faz folclore internacional.

C.M. – E porque danças folclóricas?

N.P. – Porque quem fundou o grupo era uma folclorista uruguaia, e o trabalho dela era sobre folclore. Ela tem livros editados, se dedicou ao folclore internacional, na escola em que trabalhava, se dedicava à pesquisa e era excelente pianista. D. Marina quis continuar este trabalho e nós achamos interessante. Folclore das Américas e depois Europa, Espanha, Portugal, Itália. Primeiramente era só América. Eu era uma das convidadas que não sabia nem o pezinho, dançava o clássico com Lya Bastian Meyer e os demais tipos de dança na época não eram divulgadas, nem o folclore. Acho que é uma forma de dança acessível, não só para alunos, como para professores. Os professores tinham que ensinar nas escolas sim, não digo com alunos dos terceiros anos do segundo grau porque esses fora o Rock não estão interessados em quase nada, mas alunos menores. No Anchieta as crianças adoram. Só que, como as coisas estão caras é muito difícil renovarmos sempre os trajes, tendo em vista que a mão de obra ainda é mais cara.

C.M. – E como era a vida cultural da cidade Porto Alegre na época da fundação do grupo? Existiam muitos grupos de arte, teatro, havia incentivo?

N.P. – Não, havia somente um grupo, o Conjunto de Folclore Internacional. Incentivo isso era raro. Escolas de ballet, sim, haviam muitas, Lya Bastian Meyer, Tony Petzhold, Selma Chemale, Rolla, Suvarini. O folclore não era divulgado, de vez em quando, a Dona Lya trazia dentro dos espetáculos de ballet no fim de ano no teatro São Pedro. Apresentava um

³ Centro de Tradições Gaúchas.

frevo, um samba, com Emilio Martins, que era um excelente dançarino, par da professora Morgada Cunha.

(fala externa 1min e 21 seg)

C.M. – dos grupos de arte....

N.P. – Havia bastante teatro, grupos aqui da capital e de outras cidades. Ontem fiquei muito contente quando li na Zero Hora⁴ o jornal que o Delelis está apresentando uma peça, na Rua do Arvoredo, acho ele genial. Uma montagem maravilhosa. Pena que não pode ficar em cartaz por muito tempo, devido ao alto custo da montagem. A Orquestra Sinfônica acompanhava os ballet na maioria das apresentações. Vinham de fora, grupos e grandes companhias de teatro, de dança. Grandes bailarinas e bailarinos se apresentaram aqui em Porto Alegre. Pequenas companhias não eram tão grandes como acontece agora, mas adorávamos.

C.M. – O público era grande?

N.P. – Ah sim, isto sim, comprávamos o ingresso no Teatro São Pedro, como éramos estudantes e não podíamos pagar o valor das poltronas, íamos lá em cima no super mezanino que se chamava geral. As duas da tarde já tínhamos que estar na fila sentados na escada, na rua, levávamos merenda para ficarmos esperando que o teatro abrisse as portas. Era maravilhoso! Hoje, os ingressos se tornaram tão caros que temos que escolher a que espetáculos ir. A arte, aqui é bastante divulgados, tanto o teatro, quanto a dança, só que incentivo nem pensar. O Teatro de Câmara que nos destinaram, 27 e 28 de novembro, está bem cuidado. Deve entrar em reforma, segundo a diretora. Fizemos a inauguração deste teatro. Era um depósito, que a prefeitura reformou. Falta um bar para o público possa usufruir. Está localizado na Rua da República.

C.M. – O grupo tinha um público cativo?

N.P. – Tinha até hoje temos também. Não cobrávamos ingresso, como até hoje não cobramos. Pedimos um auxílio, quando fazemos shows em congressos, encontros etc. Com a Prefeitura trocamos figurinhas. Temos nossa sede⁵ junto com a SMIC⁶ e em troca 12 shows gratuitos por ano para a prefeitura.

C.M. – Na época da fundação do grupo, como é que era o governo, a política?

⁴ Jornal local, com tiragem alta.

⁵ A sede do grupo é localizada na Travessa do Carmo, 84, Cidade Baixa, Porto Alegre – RS.

N.P. – Isso era bom. Quem nos ajudou muito foi o Dr. Leonel Brizola, muito amigo da família do doutor Antônio Augusto Fagundes, cujo irmão era deputado, colaborava muito conosco. Dançávamos no palácio, nos jardins, no Galpão Crioulo onde o governo oferecia churrasco para os visitantes. Foi muito bom. Apoio tínhamos naquela época. Foi se escassando, escassando, e hoje não sai do papel.

C.M. – E, onde foram as primeiras apresentações?

N.P. – A primeira apresentação do grupo, foi no Uruguai, em um festival de folclore internacional em Salinas. Depois, foi no Auditório Tarso Corrêa no Instituto de Belas Artes, a primeira apresentação em Porto Alegre.

C.M. – Sim.

N.P. – Dona Marina era pianista maravilhosa.

C.M. – E as outras assim que você lembra das primeiras?

N.P. – A inauguração do teatro de câmara foi feita com a apresentação do Conjunto de Folclore Internacional. Na Assembleia, dia do Colono, Aniversário, congressos, semana Farroupilha, Auditório Araújo Viana, quase todos os domingos. O público já estava acostumado.

C.M. – Como é que é o nome do auditório?

N.P. – Araújo Viana. É que está em reconstrução, ali na Redenção, lindo. Ali fazíamos festival de colégios, bandas. Hoje... morreu. É que tudo depende de quem dirige a cultura. Estas coisas não poderiam ter morrido. Hoje o que os jovens fazem? Vão para lá para se drogar. Então, em vez disso, iam se apresentar, ia a televisão, todo mundo. Ficava repleto de gente. Atualmente não se pode nem chegar por lá, ladrões, assaltantes pra todos os lados. Eu adorava. Antes este auditório era na praça da matriz, era pequeno, do lado onde hoje é a Assembleia, por ali. Depois passou para a Praça da Redenção e ficou lindo, maravilhoso. Lá funcionava a escola do Professor Rolla.

C.M. – Mas comportava o teatro? O tamanho era suficiente?

N.P. – Lá é enorme, tu não conheces?

C.M. – Por dentro não.

N.P. – Agora está em reconstrução. Mas acho que comporta mil e poucas pessoas. O Palco é enorme, os camarins idem. Tem a Sala Radames, que é para música, pequenos concertos, ou serve de apoio aos camarins. Muita ópera, com orquestra. Lá foi levado Aída. É uma pena que tudo isso tenha terminado. Culturalmente em Porto Alegre, é mais dança

⁶ Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio.

moderna, dança contemporânea. Em cima do palco, escrevendo numa máquina, puxando um papel. Isso não é dança. Mas temos que respeitar. Não faz a minha cabeça. Agora vem o ballet da China na semana que vem. Creio que vai ser muito bonito. É clássico.

C.M. – Por onde mais o grupo viajou no Brasil e outros países?

N.P. – Já estivemos no Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Itália, Portugal, Espanha e França. Na Itália, a última vez que fomos, fizemos espetáculos em vinte e três cidades da Serra. Uma hora e meia de Roma, numa comunidade chamada Montório Al Vomano⁷. Na Espanha várias cidades também. Na França participamos do Congresso Mundial de Parlamentares, em Paris. Também foi muito bom. Em Portugal, nós fomos mais a passeio. Atuamos na Televisão. Ganhamos o primeiro lugar no Festival em Cárceres, na Espanha. O Governo Português nos convidou para conhecermos Lisboa, e nos apresentarmos na Televisão Portuguesa. Ficamos dez dias em Portugal, dançamos na Casa do Brasil. Adorei. Mas de tudo que eu já conheci com o grupo, a Itália ficou em primeiro plano. Na Argentina, festivais de folclore nas mais diversas regiões e províncias. Desde praias até a capital portenha. Cosquin ao pé da cordilheira é o Festival de Folclore mais famoso da Argentina. É tão frio, tão frio, que à noite os espectadores levam cobertores, para suportar as baixas temperaturas, pois os espetáculos vão até cinco, cinco e meia da manhã. A cordilheira é o cenário. É muito lindo. Eu gosto dos argentinos. Em Buenos Aires, já nos apresentamos muitas e muitas vezes. Participamos do Festival Espano – Americano⁸ onde fomos classificados em terceiro lugar, no Luna Park⁹. Foi aí que agente começamos a conhecer outros grupos, outros países e conhecer mais o folclore. Fomos nos inteirando. Por correspondência consegui todo este acervo que tenho.

C.M. – Nestas viagens que vocês fazem para fora, o público responde melhor?

N.P. – Sim, e não depende da época e nem do lugar onde se realiza o Festival.

C.M. – Você acha que o público brasileiro também corresponde?

N.P. – Sim. Estivemos em Belém do Pará, a entrada da Amazônia, no primeiro festival que eles realizaram. É claro que o público ainda não estava acostumado com esse tipo de coisa. O Festival era só de grupos brasileiros, não estrangeiros. Mas agora já cresceu bastante, não sei se continua sendo só brasileiro. Nos convidam todos os anos. Nos Festivais Nacionais ou Internacionais os participantes pagam suas passagens, o que torna bastante

⁷ Cidade na província de Teramo, na região de Abruzzo, na Itália meridional.

⁸ Certame Pan-Americano de Danças Folclóricas, ocorrido no Luna Park, em Buenos Aires, Argentina. O grupo ganhou o terceiro lugar neste festival.

⁹ Stadium Luna Park, situado na Av. Madero, 420, Buenos Aires, Argentina.

difícil a participação dos grupos, anualmente. Não se recebe auxílio, o que torna a nossa participação cada vez mais impossível. Tu chegas no aeroporto e a direção do festival te leva para todos os lugares.

C.M. – E aqui no Brasil por onde vocês já foram?

N.P. – Aqui no Rio Grande do Sul acho que poucas cidades não fomos. Principalmente no tempo da Secretária da Cultura Dona Antonieta Barone, fazíamos apresentações todos os fins de semana, pela Secretaria da Cultura. Era um convênio que a Secretaria tinha conosco. Era um apoio muito grande, o que não existe atualmente. A Prefeitura nos oferece o local para ensaiarmos. Cada vez que entra novo governo, é uma luta. E como não tem foro, a sede é muito quente no verão. No Brasil a Caravana Nacional da Cultura¹⁰, na época dirigida pelo Embaixador Paschoal Carlos Magno, desde o Rio de Janeiro. Eram trezentas e quinze pessoas nesta caravana. Todas as modalidades de arte, teatro, orquestra, ballet clássico etc. Na época era Beatriz Consuelo, uma bailarina que até foi aluna da Dona Tony. Abria o espetáculo, juntamente com o Clod Darnê¹¹. Muito bonito. Ficávamos tanto em cidades do interior, como nas capitais. Levamos um mês viajando. Foi gostoso no Brasil, norte e nordeste, era muito quente. Agente agüentou. Era ônibus, não avião.

C.M. – Quando foram estas caravanas?

N.P. – Esta caravana foi no começo do grupo, mais ou menos 1963. Eu te dei o currículo do grupo?

C.M. – Sim, sim.

N.P. – Foi lá no começo do grupo. Sessenta e poucos. Sabe?

C.M. – Eu olho depois.

N.P. – Grupos de cinema, Ballet, ginástica, orquestra, folclore, teatro etc. Agente dançava nas praças, nas igrejas, em teatros, ao livre. Era incrível. Diariamente. Não dava tempo nem de lavar uma camisa [risos]. Parava em colégios, albergues, todo mundo. Uns aqui, outros lá. O Embaixador Paschoal Carlos Magno dizia: “tal hora dentro dos ônibus”, Todo mundo corria. Não podíamos levar malas, só sacolinhas. Era verão, e um caminhão do Departamento Rodoviário do Governo Federal levava a bagagem. Cenários, indumentárias, tudo [risos].

C.M. – Só ia vocês mesmos.

¹⁰ Projeto na época ligado ao Ministério da Educação e Cultura, que organizava apresentações de diferentes modalidades de artes e visitava várias cidades com estas apresentações.

¹¹ Nome não localizado.

N.P. – Nossa senhora, era muito.... Mas agente era jovem nem cansava, nem dava bola para nada disso.

C.M. – Vocês já foram convidados pelos governos, prefeitura para representar o Brasil fora?

N.P. – Sim. Sim. Prefeitura daqui, por exemplo, este ano. Fomos a Changai. Porque Porto Alegre e São Paulo foram as duas cidades da América, escolhidas para representar, como melhor meio de vida. Por isso nós fomos. Porque como trabalhamos para Prefeitura, ela nos levou. Claro, não precisava pagar nada, porque já nos dão em troca o espaço. Por isso que agente foi. Vinte dias lá. E agora nós vamos receber, não sei se um diploma de participação, uma coisa assim, a Dafine já nos telefonou dizendo isso. Acho que vai ser muito bom ter mais um documento. E também do Governo Federal muitas vezes a Brasília. No começo de Brasília era um dia sim, outro também. Dançar no Alvorada, dançar nos hotéis, no Ginásio de Esportes, que se chama, Pelé, em Brasília. Muitas vezes também dançamos na Concha Acústica, muitas vezes. Em Brasília tem uma grande colônia gaúcha e depois do espetáculo... churrasquinho. Era bom. Normalmente íamos de avião.

C.M. – Quais as funções você já desempenhou no grupo?

N.P. – Exclusivamente diretora artística e coreógrafa. Quando a Dona Marina fundou o grupo, ela era tudo. Porque agente não sabia nada. Quando ela foi embora, os meninos se revezavam, faziam como até hoje, fazemos eleição. Só temos dois cargos eletivos, que é o diretor e o vice-diretor, os outros são cargos de confiança. Então eu faço parte deste cargo de confiança. Quase cinqüenta anos [risos].

C.M. – E bailarina também?

N.P. – Fui. Fazem trinta anos que eu não danço mais.

C.M. – E quais as aulas, cursos, vivências, que você, na sua vida você acha que colaborou com seu trabalho no grupo?

N.P. – O curso que eu achei maravilhoso, foi ministrado por dois professores alemães, que a Secretaria de Educação trouxe. Eram alunos escolhidos. Entre estes eu fui escolhida pra fazer este curso. Foi muito bom a técnica que eles deram. Era uma ginástica, que se chamava elementar, mas com música. Foi quando eu conheci pela primeira vez que dentro de uma dança eu poderia emitir sons. Emitir sons ou falar alguma coisa juntamente com a música. Tenho várias coisas que eu faço neste estilo até hoje. Não me lembro os nomes dos professores. Ela era Grasiela, ficou doente devido ao clima. Era um mês de setembro e fez muito frio aquele ano. Ela ficou doente, nem pode terminar o curso. E o professor era Wolf

Gaug, me lembro bem. Gostamos muito da forma como eles enfocaram a ginástica rítmica, não desportiva, outro tipo, com dança, com movimentos de dança, com deslocamentos e figuras. Gostamos muito. Fizemos muitos cursos também de folclore com Paixão Cortes¹², Nico Fagundes¹³. E fora de Porto Alegre eu só fiz Ballet Clássico e na Escola Nacional de Danças Folclóricas em Buenos Aires. Participávamos também nos Festivais de Folclore Internacional de aulas com grupos participantes. Isso agente fez bastante. Com africanos, a última vez na Itália, fizemos muitas aulas. Mas todas muito proveitosas.

C.M. – O Balé influenciou muito seu trabalho de coreógrafa?

N.P. – Demais. Porque desde criança gostava de dançar. Por intuição, ninguém nunca me ensinou nada. Muito menos no interior. Mas quando vim para Porto Alegre... Primeiro no internato em São Leopoldo, a filha da Dona Lya, acho que eu já tinha te dito isso, também, nos ajudava a fazer danças no colégio. Quando o meu pai veio para Porto Alegre entrei no Ballet. Aí achei maravilhoso. O Ballet até hoje influencia as minhas coreografias. As danças que ensino, tem que ter um pouquinho de estética. Esticar pé, esticar joelho, esticar mãos, braços. Tudo isso faz parte. Não pode ser só, simplesmente, levantar um pé. Não aceito. Fico em cima. É difícil criança, que não estuda dança ter boa execução. Mas eu tento, mesmo com quem nunca estudou. Demora. Não é imediato. Mas eu tento.

C.M. – Das pessoas, quem participou mais ativamente no começo do grupo?

N.P. – Pessoas?

C.M. – É

N.P. – O primeiro grupo que participou do “Conjunto de Folclore Internacional”, como era denominado, foi escolhido, por indicação da Mesa Redonda Panamericana, que era o lugar onde se encontravam as consulesas aqui em Porto Alegre. Dr. Antônio Augusto Fagundes e Dr. Galvão Krebs ajudaram a selecionar pessoas para fazerem parte do grupo, realizando assim o sonho de Dona Marina. Claudio Lazarroto, Carlinhos Castillo, Ery Acenato, Cecília Acenato, a minha irmã e eu, Nilza e Nilva Pinto. A Juraci, que era da Varig, não sei o sobrenome. Amélia Maristany Meyer, que é artística clássica até hoje. Jorge Correia Karan, falecido. Quem tocava junto com a Dona Marina eram os Carreiros, quatro músicos. Sendo que o Paulinho Pires do Serrote, toca até hoje. O Edu faleceu, o Zé não sei que fim levou e o Serrano também não sei. Só tenho mais contato com o Paulinho Pires, que o fim do ano passado tocou conosco. Eram cinco pares. Se tu fores lá na sede, tem as

¹² João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes (Nascido em 1927).

¹³ Antônio Augusto da Silva Fagundes (Nascido em 1934).

fotos de todos do primeiro grupo. Eu fiz cinco painéis enormes, grandes, que eu coloquei ano passado no saguão do teatro da UFRGS¹⁴. Quando tu fores na sede te mostro tudo. Não sei como é que fizeram. Eu só paguei. Muito bonito. Depois veio Rubem Dario, Leia Von Poser de Azevedo. Uns foram saindo e outros entrando, entraram outros. Até hoje. Não sei quantos já passaram.

C.M. – E destas pessoas quem você considera importante que agente recolha depoimento?

N.P. – Dr Antonio Augusto da Silva Fagundes. Posso te dar até o telefone dele, do escritório... só que tu tens que ter paciência, o ouvido muito afinado, porque como ele teve derrame, tu não entende muito. A cabeça do Nico nunca falha. Ele te responde o que tu quiseres. Maravilhoso. É ali na Rua Santa Terezinha, sabe? Quase esquina com a Jerônimo de Ornelas.

C.M. – Sim.

N.P. – Eu te dou o telefone dele, a secretária te atende, a Ana, e tu marcas com ele. Ele fala contigo com muito prazer. Podes dizer que foi a Nilva do Conjunto “Os Gaúchos”.

[Pausa, a professora procura o número de telefone em algumas agendas]

[Trecho retirado por conter números pessoais de telefone]

N.P. – Os outros dois que podiam te auxiliar faleceram, Ery e Cecília Acenato. É, acho que além do Nico, ninguém. Da televisão da ULBRA, Vilmar Romeira, poderia te dar um depoimento.

C.M. – Ele dançou no grupo?

N.P. – Não, ele não dançou. Quando eu montei o Pouso de Carreteiro, pelo Projeto Mambembão, ele apresentava. Ele tem bastante contato comigo. Sabe muito sobre o grupo. Ele é muito querido. Trabalha na TV ULBRA.

C.M. – Vamos agora à última parte [Risos].

N.P. – Não te preocupes.

C.M. – Do processo coreográfico, quais as primeiras danças apresentadas?

N.P. – Danças gaúchas, a primeira que agente aprendeu foi o pezinho. Eu não tinha nem idéia o que era o pezinho. Pezinho, maçanico, anu, cana-verde, chimarrita, chimarrita simples. Depois entrou o Folclore Argentino, los amores, firmeza, e chacarera doble. E os meninos faziam malambo. A moda deles, mas faziam. Este foi o primeiro repertório. Depois entrou Venezuela, Colômbia, Bolívia, tem até foto na TV Piratini, carnavalito,

¹⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

bailecito. Para a Cecília e o Ery, Dona Marina ensinou La samba, da Argentina. Não foi muita coisa além disso que dançávamos. E do Brasil, além do Rio Grande do Sul, frevo. Invenções. Se um professor te diz “faz assim”, tu fazes não é? Hoje analiso e vejo que não poderia ter sido assim. Mas passou.

C.M. – E do Brasil, o que foi aparecendo?

N.P. – Depois foi coco, samba de roda, batuque, xaxado da Paraíba, que agente aprendeu com os paraibanos, nos JERBS¹⁵. Fazemos hoje ainda Carimbó, do Brasil é isso que fazemos. O Batuque eu gosto muito, é só com ritmo. Não tem canto, não tem música, é só atabaques. É diferente. Ganhamos um prêmio com esta dança.

C.M. – Como é que é a montagem? Os ensaios?

N.P. – Os ensaios ocorreram normalmente, terças e quintas. Mas dependendo da necessidade, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo. Primeiro preparo o que eu quero fazer. Faço uma programação e vejo que elementos eu posso colocar para executar o que programei. Para ter uma sequência no espetáculo, o que normalmente é difícil conseguir dois grupos de cinco pares ou seis. Tens que estar colocando músicas, pelo vocal e instrumental, declamação, etc. No ano passado, que a sequência foi muito boa, no show de duas horas em comemoração aos 50 anos do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”. Penduro num quadro. Assim eu vou seguindo. Quem é quem e faz o que. Comecei com Portugal Açores, Portugal Continente. O Rafael, regente do Show Musical Anchieta¹⁶ e que trabalha comigo, cantou um fado. Depois, veio a América Central. Apresentei o México, Panamá, Caribe. Depois América do Sul, Chile, Bolívia, Argentina Portenã, Argentina Pampiana, Paraguai. Depois Brasil, o Batuque, depois os ex-componentes apresentaram um número, samba, xaxado e terminei com o Rio Grande do Sul. Não imaginas o trabalho para ensaiar e organizar um show grande como o dos 50 anos do Conjunto. É muita coisa. Muita coisa.

C.M. – Lá no início, quem escolhia isso? Quem fazia esta parte de organizar o grupo?

N.P. – Dona Marina fazia tudo. Quando ela saiu era eu mesma. Aí eu fazia. Mas como eram poucas estampas era fácil. Atualmente é mais difícil. Tu já fostes lá na sede?

C.M. – Não, na sede não.

N.P. – Não? Então da próxima vez eu te telefono, pra tu ires ver o que tem de material. Roupas e instrumentos de 50 anos atrás.

¹⁵ Jogos Escolares Brasileiros.

¹⁶ Espetáculo com música e dança promovido todos os anos pelo Colégio Anchieta, desde 1966.

C.M. – De onde você escolhe assim? Você pesquisa aonde? Como?

N.P. – É aquilo que te disse, o meu conhecimento, a maioria dele, veio de festivais internacionais de folclore, com os grupos presentes nos festivais. Trocávamos figurinhas. Ou durante o período que não tinha ensaio, que não tinha nada, agente se encontrava nos hotéis e aprendia. Como não tinha DVD, só super8, era difícil. Os grupos mandavam, quando chegavam em seus países, partituras, as letras das músicas. E íamos tentando. E aqueles bolachões, que eram discos grandes [professora mostra o tamanho, mais ou menos 30 centímetros de diâmetro]. Era através destes discos que aprendíamos. Depois fui adquirindo livros, mais pesquisa e conhecimento. Também não tínhamos internet, não tinha nada. Nos virávamos com o que tínhamos. Mas, conseguimos muita coisa. Faço adaptação [ênfase] de temas folclóricos. Eu não posso te dizer que o que eu faço é folclore puro.

C.M. – Por quê?

N.P. – Porque eu incremento, eu tento colocar mais vibração às danças. Atualmente ninguém faz folclore puro. Nem aqui, nem em lugar algum. Porque é muito pobre. Você sabe que folclore é “o cartão de visita de um povo”. Quer dizer que, lá numa vila, tem um grupinho que dança “ai bota aqui, ai bota ali”. Eles vão fazer da forma mais simples. Eles não vão incrementar a roupa e muito menos os passos porque eles não tem capacidade pra isso. Eu comecei a me dar conta pelos festivais que agente foi, e que vai, que não é bem assim. As pessoas atualmente estão incrementando as coreografias com passos tão difíceis que é impossível o público, o povo executar. Comecei a estudar melhor as coreografias. Tu olhas e vêes que eu estou dançando pezinho, que estou dançando a chimarrita balão. Tu sentes que é o anú, por exemplo, um pouco diferente, mas é o anú. Adaptação [ênfase] de temas folclóricos.

C.M. – E o que que geralmente você adapta? A roupa, os passos?

N.P. – Não, a roupa nem tanto. A roupa é de acordo com o dinheiro [risos]. Os passos, as figuras, tu conservas. Por exemplo, xaxado da Paraíba, tem um passo característico, saiu daquilo, deixa de ser xaxado. O carimbó, tem um passo característico, saiu daquilo, deixa de ser carimbó. Mas a figura, a forma de apresentar é que varia. Se era em roda, eu faço uma roda, depois passo para duas rodas, depois para uma fila. Variações do mesmo tema. Não alteramos os passos característicos. Isso é meio difícil. Agora o samba, que não tem coreografia marcada, o frevo que não tem coreografia marcada, e sim passos que identificam estas danças, é mais fácil. A criatividade supera.

C.M – Nos bailarinos você muda alguma coisa?

N.P. – Mudo, mudo porque nem todos têm a mesma capacidade. Isso tu sabes como professora, que as vezes, se imagina uma coisa, coloco a música, “ah! vou fazer assim”. Chego na aula não é nada daquilo, não conseguem o que imaginei. Tanto as crianças quanto os adultos. Aí, tens que mudar. As vezes eles mesmo fazem uma sugestão. Tem uma professora que ia entrar no grupo, o que acabou não acontecendo. Hoje ela é coreógrafa em Alvorada. O passo do xaxado que ela faz, nunca existiu, não existe. Então tem coisas que tu tem que cuidar. Não pode se passar informações erradas. Perde-se a característica. Isso que eu me debato sempre. Vai nas churrascarias para apreciarem a forma com que apresentam nosso folclore. Já foste?

C.M. – Sim.

N.P. – Aquilo não é folclore. E as pessoas levam os visitantes para assistir. Os vestidos são muito curtos. Cabeleira toda solta. As vezes, nem flor nem nada. Parece que estão dançando lambada. Não, Não é possível. Isso eu cuido muito viu? Cuido muito para não descaracterizar. Embora eu trabalhe com adaptação [ênfase].

C.M. – Que tipo de informação, destas coisas essenciais você tenta manter?

N.P. – Sim, o passo característico de cada dança eu tento conservar. A indumentária, por exemplo, se é de bermuda, eu vou colocar bermuda. Agora eu posso colocar um enfeite que não tinha naquela bermuda. Posso torna-la mais bonita, colocar um bordado, por exemplo, se a indumentária daquele país que estou retratando permitir. No palco é mais bonito. Não posso fazer isso no xaxado. Um brilho, não posso. Não cabe. Num gaúcho. Não cabe. Um tango, uma milonga, já muda de figura, dança de salão. Tenho que seguir a linha, embora eu possa fazer algumas alterações coreográficas.

C.M. – Você além, dos passos, do figurinos, você tenta buscar informações sobre a dança, assim, de onde ela é? História?

N.P. – Sim, sim. Atualmente é fácil, porque a internet te dá todas as informações. Inclusive a fotografia dos trajes, a cultura de cada país. Isso é fácil. Os meninos mesmos fazem isso pra mim. Agora, quando fomos a China, tivemos duas reuniões, com duas pessoas maravilhosas. Senhor Li, que ele é chinês, e que atualmente está aqui. Ele dá aulas sobre a China. Maravilhoso! O Sr. Li foi gratuitamente para nós. Fez uma reunião e descreveu o seu país, explicou tudo. Inclusive, na minha santa ignorância eu pensava que a Muralha da China, fosse um muro enorme e alto. Que idéia tu tem sobre a Muralha da China?

C.M. – Uma construção.

N.P. – Eu também tinha esta idéia. Sabe o que é? Montanhas imensas. Onde fizeram antigamente caminhos para carregar para outros países as suas iguarias. E claro, se tornaram famosas. É muito difícil passar, mas ainda se passa. E agora, colocaram até teleférico em alguns pontos. São montanhas. A parte principal da China está para o lado do mar, do rio, dos lagos, se acumularam ali, porque as montanhas dificultaram a sobrevivência.

C.M. – Vivencias com outros grupos, vocês já fizeram?

N.P. – Sim, já fizemos. Já trouxemos aqui em Porto Alegre os chilenos e os peruanos. Outras épocas ... Temos um rapaz que foi do grupo, o Clovis, não sei se tu conheces, formado pela UFRGS, dirige o Grupo Andanças.

C.M. – Ele é da UFRGS e tem um grupo.

N.P. – Isto, ele organizou um Festival de Folclore Internacional, muito legal. Trouxe os mexicanos, colombianos e argentinos. Fui assistir duas noites. Gostei muito. Acho uma iniciativa bastante louvável. Claro, com certeza ele lutou para que o evento acontecesse, porque aqui é assim: ou tu tiras os cabelos para fazer alguma coisa ou não faz.

C.M. – Quando você coloca uma dança no palco, o que você acha que o público mais aprecia?

N.P. – Uma execução bem feita, a vontade de dançar, a garra, o sorriso dos dançarinos, a música, sabe se toca uma música, tem que ser uma coisa vibrante, isso eu cuido muito. Xingo muito. Já ganhei até uma condecoração de sargento. Parece desprezo pela dança, pela música. Isso nós cuidamos muito, eu principalmente xingo muito. Não pode dançar de qualquer jeito, tem que ser com muita garra, muita vontade.

C.M. – O grupo possui diretor de ensaios?

N.P. – Não, eu faço tudo.

C.M. – Mas tem uma limpeza de movimento, nos ensaios?

N.P. – Sim, começamos dando o geral. E depois vamos corrigindo. As vezes, eventualmente, quando eu não posso ir, porque coincide com as apresentações do Show Anchieta, tem a Lulu, a Patrícia e a Andréia que ajudam, no meu lugar. Mas elas não dão coreografias. O trabalho delas é guardar a coreografia pra passar. E quando são pessoas que entram novas, aí os ensaios são separados. Normalmente eu faço os ensaios no Anchieta, porque já estou ali. A turma vêm pelas oito e meia, nove horas. Das nove às onze e meia, quinze pra meia noite. Trabalhamos algumas coreografias. Muitas vezes vamos até

nossa sede, ao lado do Porto Alegre Turismo, onde guardamos indumentárias e instrumentos.

C.M. – No começo do grupo, as meninas, eram bailarinas clássicas?

N.P. – Não. A maioria era de CTG.

C.M. – As meninas também?

N.P. – Sim, as meninas também. Do ballet era a minha irmã, eu e a Amelucha¹⁷.

C.M. – E a presença de vocês três, você acha que colaborou com o grupo? Trazendo esta outra vivência, diferente da dança do CTG?

N.P. – Sim. Por isso, alguns saíram, porque acharam esnobação. Tu esticavas o pé, mas era natural. Tu estudava ballet seis, sete anos. Automaticamente esticas o pé, cuida tua postura, tua cabeça. A cabeça gira antes que o corpo. Todo mundo sabe isso. Mas como eles eram de CTGs, a gauchada, não admitia. Não gostaram [risos]. Tudo bem. Mas hoje não. A maioria estuda dança e fazem caprichado.

C.M. – Na fundação, a criatividade dos bailarinos, podia existir? A Dona Marina permitia?

N.P. – Não. Como era ela que mandava, a última palavra sempre era da D. Marina. Não podíamos opinar, talvez na dança gaúcha, não me lembro, porque os meninos eram de CTG e aquelas outras meninas também. Eu não sabia nada. Participei de uma excursão a São Francisco de Paula e foi a primeira vez que primeira vez eu assisti dança gaúcha. O grupo dançou o Anu. Eu achei lindíssimo, nunca tinha visto. O que D. Marina dizia façam, agente fazia. Muitas coisas eu acho atualmente que deveriam ter sido diferentes. Mas...

C.M. – E elas já faziam adaptações?

N.P. – Não.

C.M. – Ela tentava a dança....

N.P. – Ela tentava... Eu acho que não tinha adaptação. Porque ela tentava fazer o que também deve ter aprendido, ou pesquisado não sei. Tem dois livros editados por D. Marina, sobre folclore internacional. Na época eu comprava muitos livros. Os meus amigos da Argentina me mandavam livros de folclore também de outros países. E era difícil, porque alguns eram escritos em inglês. Minha professora de Ballet Lya Bastian Meyer me deu uma coleção de livros de folclore da Europa. Eu acho que doei para vocês ou dei pra outra professora. Tudo em inglês. E a minha irmã que era professora de inglês, fazia a tradução. É assim que começou.

¹⁷ Apelido de Amélia Maristany Mayer.

C.M. – Professora, tem mais alguma passagem sobre o grupo, que a senhora queira deixar registrado?

N.P. – Eu acho que realmente, o grupo contribuiu bastante para a cultura do Rio Grande do Sul. Inclusive para os grupos de folclore que se inspiraram no trabalho do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”. Herdaram de nós os conhecimentos que hoje desenvolvem. Os grupos desconheciam nossa história. A contribuição foi válida, muito grande e continua sendo. Muitos conseguiram chegar, até hoje. Outros grupos, em outras cidades. Alunos meus vários estão dando aulas de folclore ou dirigindo grupos. Pesquisando e participando de festivais. Isto é muito bom. Acho que colaborei, particularmente, com todos estes grupos que atualmente fazem folclore. Eu me sinto bastante realizada em função de tudo isso. E vamos ver agora se conseguimos encerrar o ano dos nossos 50 anos, com alguma apresentação, aberta ao público. Quase nunca cobramos. Não acho que aniversário tenha que ser cobrado.

C.M. – Então professora muito obrigada!